GAZETA MERCANTIL

■ SÃO PAULO ■ RIO DE JANEIRO ■ BRASÍLIA ■ CAMPO GRANDE ■ CURITIBA ■ PORTO ALEGRE ■ BELO HORIZONTE ■ SALVADOR ■ RECIFE ■ FORTALEZA ■ BELÉM ■ MANAUS

Herbert Levy (1911-2002)

Diretor - Responsável: Luiz Fernando Ferre

ANO LXXXII - Nº 22.346 - SEXTA-FEIRA, 7, E FIM DE SEMANA, 8 E 9 DE JUNHO DE 2002

IMPRESSO EM SÃO PAULO - I

RESUMO

O mercado de remédios caiu 19% em dois anos

O crescimento da venda de medicamentos genéricos, que já respondem por 6% do mercado farmacêutico nacional, não aumentou a receita do setor. Ao contrário, ela caiu 19% nos dois últimos anos, porque os genéricos têm preço unitário mais baixo. A revelação foi feita pela auditoria da **IMSHealth**, no seminário "O Futuro da Indústria Farmacêutica", promovido ontem por este jornal. Página C-2

Austeridade no Paraguai

A paralisação do programa de privatizações no Paraguai, com a anulação pelo Senado da Lei 1.615, que trata da reforma do Estado, obrigará o governo a medidas de emergência, entre elas cortes nos salários do funcionalismo. O presidente Luis González Macchi adiou a venda de estatais. Uma missão paraguaia conversará com organismos financeiros, como o FMI. Página A-10

De olho na Guaraniana

A ameaça de vitória do candidato de esquerda nas eleições presidenciais e a intervenção do governo na **Previ** estão levando a **Iberdrola** de volta à mesa de negociações pelo controle total da **Guaraniana**. A empresa quer reabrir o diálogo com os sócios — além da Previ, o **Banco do Brasil** — para a compra de parte ou da totalidade das suas ações. Página A-7

Fontes: Fipe e Centro de Informações da Gazeta Mercantil * Maio

Inflação de 6,32%

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fipe/USP, nos últimos 12 meses até maio, ficou em 6,32%, a menor variação anual desde setembro de 2001, quando chegou a 5,66%. A inflação apurada na cidade de São Paulo

Fontes: Secex e Abiec *Estimativa

Brasil tem competição acirrada na carne bovina

Alexandre Inacio
de São Paulo

Os frigoríficos exportadores de carne bovina enfrentam neste ano maior concorrência com a volta da Argentina e do Uruguai ao mercado internacional. A perspectiva do setor é de que as receitas com os embarques se mantenham nos mesmos patamares do ano passado, de US$ 1,013 bilhão, após o crescimento de 27,7% obtido em 2001.

Livres da febre aftosa, doença que interrompeu as exportações no último ano, os dois países vizinhos tentam recuperar o espaço perdido para o Brasil. "Se conseguirmos pelo menos manter o ritmo de exportações estaremos fazendo bonito", afirma Edivar Vilela de Queiroz, presidente do **Frigorífico Minerva** e da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec).

De janeiro a abril deste ano, porém, as exportações de carne bovina ainda continuaram crescendo: US$ 337,2 milhões, 26,6% em relação ao 2001 (US$ 266,2 milhões), segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

A maior preocupação dos exportadores no momento é o preço do boi gordo. Na Argentina, a arroba está cotada a US$ 12, enquanto no Brasil o valor é de US$ 17. ■

Página B-16

Bush propõe novo órgão de segurança

Departamento reunirá nove serviços

Dow Jones Newswires e AP
de Washington

O presidente norte-americano, George W. Bush, anunciou ontem à noite a criação de um órgão para a segurança interna que engolirá várias agências federais, como a Alfândega, o Serviço de Imigração, o Serviço Secreto e a Agência Federal de Administração de Emergências (Fema).

A proposta de criação do Departamento de Segurança Interna será submetida ao Congresso para aprovação. "É o maior plano de reestruturação do governo desde 1947", disse Ari Fleischer, porta-voz da Casa Branca.

"Os EUA lideram o mundo civilizado em uma titânica luta contra o terror", afirmou o presidente. Apenas o Departamento de Estado será maior do que a nova agência, cujo custo de criação foi estimado em US$ 37 bilhões. O novo departamento será comandado por um secretário e terá 170 mil funcionários. O nome mais comentado em Washington é o de Tom Ridge, ex-governador da Pensilvânia e aliado a Bush.

A medida recebeu aplausos de líderes dos dois partidos. O líder democrata na Câmara dos Representantes, Richard Gephardt, disse que quer tornar o plano realidade "o mais cedo possível". O presidente da Câmara, Dennis Hastert, afirmou que "vamos iniciar o quanto antes o processo de criação do Departamento de Segurança Interna". O objetivo é reunir serviços espalhados, atualmente, em nove departamentos federais. ■

Página A-12

Difícil de quebrar o monopólio do resseguro

Denise Bueno
de São Paulo

A Circular 8, que flexibiliza o monopólio de resseguros ao permitir que seguradoras cotem o programa de resseguro com empresas estrangeiras, expedida pelo **IRB Brasil Re** em abril, não surtiu o efeito esperado.

O objetivo era agilizar o processo de colocação de riscos no exterior. "Temos projetos, principalmente os que envolvem riscos de engenharia, que estão demorando mais de seis meses para serem finalizados", comentou o diretor de uma grande seguradora.

"As seguradoras precisam de agilidade na colocação de riscos, uma vez que o mercado externo está muito retraído em função dos atentados terroristas aos Estados Unidos", disse Maria Helena Bidino, superintendente da Fenaseg, que reúne as seguradoras. ■

Página B-3

Investidor sai dos fundos e va para a poupanç

Mercado continua assustado e dólar atinge R$

Luciana Monteiro e
Chrystiane Silva
de São Paulo

Assustado com as perdas registradas pelos fundos de renda fixa, o investidor preferiu adotar uma postura ultraconservadora e está migrando para a caderneta de poupança. Na **Caixa Econômica Federal** (CEF), que detém 31,2% dos depósitos totais de poupança, a captação líquida atingiu um volume de R$ 235 milhões nos três primeiros dias de junho. A estimativa para todo o mês era de R$ 300 milhões. Só na segunda-feira, após o susto com as perdas dos fundos, a entrada de recursos na caderneta foi de R$ 23 milhões. E os depósitos não pararam por aí: na terça, foram de R$ 99 milhões e, na quarta, chegaram a R$ 113 milhões. "As pessoas não têm muita consciência dos riscos de um fundo. Acham que é uma poupança que re pouco mais", diss Lopes, superinte nacional de serv captação da CEF.

Fontes: Banco Central e Centro de Informações da Gazeta Mercantil

No **Unibanco**, a de aplicações na neta dobrou em re semana passada, 10 milhões para milhões, de acord Marcos Buckton, de captação. A ca de poupança vin dendo para os fun vários meses, m maio rendeu 0,7 comparação com dos DIs e 0,11% d da fixa. Em maio, tação líquida da p ça em todos os ba cou negativa em milhões. Produtos Certificados de D Bancário (CDBs), Hipotecárias e at mo o ouro também despertando o in dos investidores.

O mercado fin continuou nervo tem. Desta vez, as foram as mais ati A Bolsa de Valo São Paulo (Bov caiu 3,79%, arrasta las ações das elétri a Eletropaulo PN 11,7%) e de banc Nova York, os Am Depositary Re (ADR) também d ram (o do Unibanc deu 8,95%).

O risco-país 6,3%, para 1.198 básicos; e o dólar cial avançou 1,95% R$ 2,661, a maior ção do ano. O BC mais títulos públicos vencimento entre 2 2006 por outros de e usou taxas menos tivas na zeragem d teiras dos bancos.

P

O mea-culpa ambiental da Natura

Empresa deixa de usar imbuia, faz doação a ONG e planta o dobro das árvores que derrubou

Carla Éboli
de São Paulo

A **Natura** procura uma Organização Não-Governamental (ONG) de proteção a matas nativas para doar R$ 65 mil.

Não se trata de filantropia, mas sim da forma encontrada pela empresa para reparar um erro: usar imbuia, uma madeira nobre, sem ter certeza de que ela era certificada (só pode ser cortada com autorização do Ibama). Rodolfo Gutilla, diretor de assuntos corporativos da Natura, diz como a empresa percebeu o erro: "Fomos alertados por uma consumidora, uma bióloga de Porto Alegre, por meio do serviço de atendimento ao consumidor". Ele afirma que, apesar de a empresa fornecedora ser certificada, ela não tinha como garantir que aquele lote de imbuia tinha certificação.

A Natura usou a madeira para fabricar, por período específico, a embalagem de um mix de produtos. Com a descoberta da irregularidade, ela se ofereceu a doar "todo o lucro" obtido com a embalagem a uma ONG de preservação de matas nativas.

Além disso, a empresa plantou 10 hectares de mata nativa (o dobro do que foi utilizado para a produção das embalagens) no terreno da fábrica da Natura, em Cajamar, na Grande São Paulo. "Nós erramos, mas procuramos reparar o erro e evitar novos", garante Gutilla. Ele afirma que o atual modelo econômico e empresarial do País falhou. "Mas estamos em busca de um novo modelo de gestão empresarial, mais responsável", disse ontem na Conferência Anual do Instituto Ethos, em São Paulo.

Rodolfo Gutilla

Para a diretora executiva do Greenpeace, Marijane Lisboa, que falou ontem na mesma Conferência, até há pouco tempo os empresário achavam que investir em meio ambiente era um "gasto a mais". Hoje, percebe-se que esses investimentos reduzem os custos de produção e também geram ganhos de imagem, diz ela.

Produzem também resultados, concluíram os donos da própria Natura. No ano passado, segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Higiene Pessoal, Perfume e Cosméticos, o setor cresceu 11% e a empresa 15%. O faturamento da empresa, de R$ 1,4 bilhão em 2000, saltou para R$ 1,6 bilhão em 2001. A Natura vendeu 83 milhões de unidades em 2001.

Continua na página C-5

*O **Grupo Pão de Açúcar** apresentou ontem detalhes de seu novo programa na área da responsabilidade social. O Pão de Açúcar, que já contava com um ombudsman para atender aos consumidores, criou outro para fornecedores.* ■

Página C-5